

## A Poética da criptonímia autoral na *Comédia Eufrosina*

The Poetics of Authoral Cryptonomy in the  
*Comédia Eufrosina*

Vítor Aguiar e Silva  
Universidade do Minho  
vmaguiariesilva@sapo.pt

Data de recepção do artigo: 14-09-2017  
Data de aceitação do artigo: 08-01-2018

### Resumo

O presente artigo estuda o significado e os possíveis motivos da ocultação do nome de Jorge Ferreira de Vasconcelos na *Comédia Eufrosina*. Através da análise dos paratextos (capa, dedicatória, prólogo, cólofon) das primeiras edições da comédia, o autor propõe uma possível explicação para a ausência do nome do autor, assim como de outras informações relevantes sobre o próprio processo de publicação.

**Palavras-chave:** Jorge Ferreira de Vasconcelos – anonímia – *Eufrosina* – crítica literária.

**Abstract:** This article studies the meaning and possible motives of the shadowing of Jorge Ferreira de Vasconcelo's name in his *Comédia Eufrosina*. Through the analysis of the paratexts (frontpage, dedication, prologue, colophon) of the first editions of this comedy, the author proposes an explanation for the absence of the author's name, and of other relevant informations on the publication process.

**Keywords:** Jorge Ferreira de Vasconcelos – anonymity – *Eufrosina* – literary criticism

As palavras que Marcelino Menéndez y Pelayo escreveu, no tomo III da sua ainda hoje fundamental obra *Orígenes de la novela*, sobre a recepção dos Portugueses às comédias de Jorge Ferreira de Vasconcelos, continuam decerto a incomodar a sensibilidade de muitos de nós: «Tan ingratos y olvidadizos han sido los portugueses con un

escritor de tanto ingenio y cultura» (Menéndez y Pelayo 1910: III, CCXXVIII).

Por detrás destas palavras do mestre santanderino, estavam as informações que lhe proporcionara Carolina Michaëlis de Vasconcelos e das quais se destaca esta melancólica constatação: «Nenhum Coevo o menciona» (*apud* Rossi 1947: 554). Embora esta asserção de Carolina Michaëlis seja inexacta, visto que Pero de Magalhães de Gândavo se refere, como direi adiante, ao autor da *Comedia Eufrosina*, é na verdade estranhável que num tempo em que os escritores tanto cultivaram a epistolografia, em verso e em prosa, atestando a sua estima pessoal e literária uns pelos outros e discorrendo sobre variadas matérias, ninguém tenha dirigido um poema a um autor que foi «aquelle galante, e elegante cortesão Portugues», segundo as palavras de umas das licenças concedidas à comédia *Ulysippo*, na edição de 1618, e que desempenhou o alto cargo de Tesoureiro do Tesouro real. Debalde procurará o leitor qualquer referência a Jorge Ferreira de Vasconcelos em obras como os *Ditos portugueses dignos de memória*, editados por José Hermano Saraiva, e como as *Anedotas portuguesas e memórias biográficas da corte quinhentista*, editadas por Christopher Lund.

Dentre os investigadores portugueses modernos e contemporâneos, merece ser salientado o contributo de Costa Pimpão, que na sua conferência intitulada «As correntes dramáticas na literatura portuguesa do século XVI», proferida em 1947 e coligida no seu volume *Escritos diversos* (Pimpão 1972: 413-443), soube realçar aspectos valiosos do teatro de Jorge Ferreira de Vasconcelos, desde a linguagem e o estilo até à criação das personagens e à representação da paisagem coimbrã, escrevendo em jeito de conclusão que «[o] valor real de Jorge Ferreira não está nada de acordo com o esquecimento em que caiu a sua obra». O interesse do Professor Costa Pimpão pela obra do autor da *Comedia Eufrosina* manifestou-se ainda na orientação da tese de licenciatura em Filologia Românica de Maria Odete Dias Alves, intitulada *A linguagem das personagens das comédias de Jorge Ferreira de Vasconcelos*, defendida em 1971 na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, que constitui um rico repositório de elementos linguístico-literários.

Dentre os investigadores portugueses mais recentes, mencionarei Silvina Pereira, Isabel de Almeida, José Camões, Diana dos Santos Alves e Rosário Laureano Santos, aos quais se têm ficado a dever contributos relevantes para o conhecimento da obra de Jorge Ferreira de Vasconcelos.

As palavras severas de Menéndez y Pelayo que citei no início, se são substancialmente justificadas, não são inteiramente justas, porque ignoram alguns juízos importantes formulados sobre a obra de Jorge Ferreira de Vasconcelos por autores cuja voz merece elevado crédito.

Cito, em primeiro lugar, o juízo formulado por Manuel Severim de Faria, o erudito e bem informado polígrafo seiscentista, que nos seus *Discursos vários políticos* (1624), no «Discurso segundo», intitulado «Da língua portuguesa», elogia a brevidade, a graça e o decoro que são qualidades de estilo «tão praticadas nas Comédias Portuguesas de Francisco de Sá, e António Ferreira, e em algũas de Jorge Ferreira, que a juízo de todos os doutos não tem superior» (Faria 1999: 93). Depois de mencionar este juízo do chantre e cónego da Sé de Évora, Francisco Dias Gomes (1745-1795), o crítico mais perspicaz e mais bem informado do Neoclassicismo português, escreveu as seguintes palavras, que não resisto a mencionar: «Este último [Jorge Ferreira], no meu entender, leva a preferência a todos [os autores de comédias], e tem cenas inimitáveis, especialmente na *Eufrosina*; e enfim as suas Comédias são fontes inexauríveis do verdadeiro estilo cómico» (Gomes 1799: 212-213). Por último, cito as palavras de D. Francisco Manuel de Melo no seu diálogo *Hospital das Letras*, obra redigida na década de cinquenta do século XVII, o qual, ao enumerar os autores portugueses de comédias, se refere às que «em prosa escreveram o ilustre Jorge Ferreira, autor de *Ulissipo*, *Aulegrafia* e dizem que *Eufrosina*» (Colomês 1970: 31).

Na edição *princeps* da *Comedia Aulegrafia*, impressa à custa de D. António de Noronha, genro de Jorge Ferreira de Vasconcelos, publicada em Lisboa, com todas as licenças necessárias, por Pedro Craesbeck, no ano de 1619, figura no fólho que antecede as licenças, um epigrama de Diogo de Teive, encimado por esta nota explicativa, que se deve decerto a D. António de Noronha: «Jorge Ferreira de Vasconcellos, não poz nunca o seu nome em nenhum dos liuros, que compoz, & por esta razão se lhe fizeram ha muytos annos estes versos: Iacobi Teuui ad Auctorem EPIGRAMMA»:

Outros escrevem os nomes sobre escritos destinados a morrer e vêem com estes perecer seus nomes, assistem às suas próprias exéquias e contemplam seu derradeiro dia trajados com estas fúnebres vestes. // Tu, bom Ferreira, não gravas o teu nome por baixo de escritos fadados a viver, mas almejas manter-te oculto. Basta-te ser algum dia de proveito aos séculos vindouros, ainda que a fama de teu nome não ecoe em nenhum ouvido. // Nada fazes: a Fama segue a quem

lhe foge, de quem a persegue foge e alta voa para os remontados céus. (Teive 2012: 975)

O tradutor do epigrama, o Professor Guimarães Pinto, no estudo introdutório da sua edição da *Obra completa* de Diogo de Teive, não exclui a possibilidade de o poema ser endereçado a António Ferreira, que manteve relações afectuosas com Diogo de Teive, a quem dirigiu uma epístola cordialmente laudativa, sendo o autor da *Castro*, nas palavras daquele filólogo, «igualmente avesso a dar o seu nome à luz da publicidade». Assim, conclui Guimarães Pinto, «ficamos na dúvida sobre quem seria o real destinatário (simplesmente identificado pelo vocativo *Ferreri*) do epigrama» (Teive 2012: 43).

Embora a hipótese de que o vocativo *Ferreri* tenha como destinatário António Ferreira não se possa excluir, penso que as probabilidades da referência a Jorge Ferreira de Vasconcelos são muito elevadas. Miguel Leite Ferreira, o filho do autor da *Castro* que tomou a iniciativa de publicar a obra do pai, não deixaria de publicar o elogioso epigrama de Diogo de Teive no paratexto que antecede a edição *princeps* dos *Poemas lusitanos* (Lisboa, 1598). Por sua vez, D. António de Noronha devia possuir informação relativamente fidedigna sobre o verdadeiro destinatário do epigrama.

Se é verdade que no mais antigo documento que menciona o comediógrafo, o *Rol dos moradores da casa do Infante D. Duarte*, de 1540, publicado em 1742 por António Caetano de Sousa nas *Provas da História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, figura o nome completo de Jorge Ferreira de Vasconcelos, noutros documentos, publicados por Silvina Pereira no seu estudo «Arquivos falantes: 6 documentos inéditos sobre Jorge Ferreira de Vasconcelos» (Pereira 2008), figura o nome abreviado Jorge Ferreira, como na carta de ofício de D. João III, datada de 20 de Março de 1553, que nomeia o seu moço de câmara Jorge Ferreira como escrivão do Tesouro da Casa Real, e figuram o nome completo Jorge Ferreira de Vasconcelos e o nome abreviado Jorge Ferreira na carta de quitação, datada de 26 de Julho de 1576, do Rei D. Sebastião, quando o dramaturgo deixou o cargo de Tesoureiro da casa real, cargo que exercera desde o dia 1 de Janeiro de 1570.

Particularmente relevante é a menção do nome abreviado de Jorge Ferreira na obra de Pero Magalhães de Gândavo intitulada *Regras que ensinam a maneira de escrever e orthografia da lingua portuguesa* (Lisboa, 1574), no passo que se encontra no fól. 31v.: «Vede o estylo da linguagem de Lourenço de Cáceres, de Frãncisco de Moraes, de Jorge

Ferreira...». Neste contexto, em que são mencionados homens de letras, Cândavo prescinde do elemento onomástico Vasconcelos, como sucede nos textos acima citados de Manuel Severim de Faria, D. Francisco Manuel de Melo e Francisco Dias Gomes.

Por outro lado, não se coaduna com António Ferreira a afirmação de Diogo de Teive de que o autor ao qual se dirigia, com um vocativo metricamente ajustado, almeja manter-se oculto, não gravando o seu nome por baixo de escritos fadados a viver celebrados pela Fama. Durante a vida de Diogo de Teive – o humanista bracarense terá falecido em ano desconhecido da década de sessenta do século XVI –, não foi impressa nenhuma obra de António Ferreira. No âmbito da difusão manuscrita, todavia, circularam decerto muitos poemas de António Ferreira, devendo ser sublinhado que este não oculta a sua autoria, antes a declara, quer indirectamente, como acontece no soneto liminar dos *Poemas lusitanos*, quer explicitamente, como ocorre na epístola 11 do livro I das Cartas, dirigida a Diogo de Betancor: «Que poderosas ervas nessa Beira, / que águas tão esquecido te tornaram, / tão cru, meu Betancor, ao teu Ferreira?» (António Ferreira 2000: 218).

A primeira obra teatral de Jorge Ferreira de Vasconcelos a ser impressa foi a *Comedia Eufrosina*, que terá sido escrita, como propôs autorizadamente Eugenio Asensio, em 1542-43 (Vasconcelos 1951: LXV). Um exemplar da edição *princeps*, datada de 1555, foi descoberto por Asensio na Biblioteca Nacional de Madrid. A portada da obra é singela e lacónica: ostenta na parte superior uma vinheta encimada pelos nomes de três personagens da comédia, «Zelotypo, Eufrosyna, Sylvia de Sousa», que estão representadas na gravura. Na parte inferior da portada, lê-se: «Comedia Eufrosina. Ao Principe nosso senhor. Impressa em Coimbra. M.D.L.V.» Não consta o nome do autor, não figura o nome do impressor, não existem referências ao privilégio real nem a quaisquer licenças. O cólofon é mais informativo do que a portada: «Foy impressa a presente comedia, em a muyto nobre & sempre Real cidade de Coimbra, por Ioã de Barreyra empressor da vniuersidade. Com preuilegio Real que nenhũa pessoa outras possa ãprimir nẽ vender, nem trazer doutra parte impressa, sob as penas conteudas no preuilegio. E acabouse aos vinte & dous dias do mes de laneyro de M.D.L.V.» Continua ocultado o nome do autor, não são mencionadas licenças da autoridade eclesiástica e da autoridade civil e não se reproduz o privilégio real. Como contraste, cito uma obra impressa em Coimbra no mesmo ano de 1555, a *Arte da guerra do mar*, que na portada declara o nome do autor, Fernando de Oliveira – o

mesmo Fernão de Oliveira que escreveu a *Grammatica da lingoagem portuguesa* (1536) – e informa que a obra foi «vista & amitida pellos senhores deputados da sancta Inquisição».

A dedicatória é dirigida ao Príncipe D. João, que fora o único filho sobrevivente de D. João III, pai de D. Sebastião e falecido, em condições dramáticas, no dia 2 de Janeiro de 1554. Ao mesmo Príncipe, «nosso senhor», é endereçado o «Proemio», no qual se solicita o «real emparo» à comédia, por ser invenção nova em Portugal e na língua portuguesa. Mesmo admitindo algum atraso na composição e na impressão da comédia, algo de anómalo ocorreria nesta situação. Justificadamente, José Camões interroga e comenta: «Dedica-se a comédia e dirige-se um Proémio a um defunto? Outro mistério» (Camões 2008: 172).

A edição de 1560 da *Comedia Eufrosina*, de que um exemplar pertenceu a P. Salvá y Mallen e se encontra descrito no *Catálogo de la Biblioteca de Salvá* (Valencia, 1872), é tão rara que Eugenio Asensio não logrou conhecê-la aquando da elaboração da sua edição da comédia (1951), que reproduz o exemplar da edição *princeps* pertencente à Biblioteca Nacional de Madrid. Na década de setenta do século pretérito, o precioso exemplar de Salvá foi posto à venda num leilão em Londres e acabou por ser comprado por um livreiro de Lisboa, tendo vindo depois a ser adquirido pela Biblioteca Nacional de Portugal, em cuja secção de reservados se encontra custodiado.

A edição de 1560 possui uma portada que reproduz a vinheta da edição de 1555, informa que foi «De nouo reuista, & em partes acrecētada», continua a ocultar o nome do autor, não refere a existência de licenças, suprime a dedicatória ao Príncipe e regista a data da conclusão do trabalho tipográfico: «Por Ioã de Barreyra Impressor da Vniuersidade: Aos dez de Mayo. M.D.L.X.» O cólofon é muito semelhante ao da edição de 1555, mencionando a concessão do privilégio real. O fólio da errata contém uma informação relevante: após uma lista de erros e das respectivas correcções, é dito que há erros em «algũas letras que não desfazem sentença, que pola meudeza da impressam não podẽ as obras escapar sem ellas. O que não he culpa do Autor». Esta advertência parece indicar que o autor acompanhou a revisão dos erros e que terá sido também o responsável pelos acrescentamentos referidos na portada (como é sabido, as modificações e os acrescentamentos textuais em novas edições são muitas vezes da responsabilidade do impressor ou do editor). Se a dedicatória ao

Príncipe desapareceu da portada, continuou a ser dirigido ao «Príncipe N.S.» o «Proemio» da comédia.

Em 1561 e em 1566 foram publicadas novas edições da *Comedia Eufrosina* – sinais da grande fortuna da comédia junto do público leitor-com a portada ostentando a mesma vinheta, na qual figuram duas personagens – Zelótipo e Eufrosina –, ocultando o nome do autor, não se referindo a licenças e informando que a obra tinha sido «de nouo reuista & em partes acrecentada». A portada contém de novo a dedicatória da edição *princeps*: «ao muito alto & poderoso principe dom Joam de Portugal». O cólofon informa que as duas edições foram impressas em Évora, «em casa d’Andre de burgos, impssor & caualeiro da casa do Cardeal Iffante».

Como anota Eugenio Asensio, as edições de André de Burgos são «derivações deterioradas da revisão definitiva de 1560, com tipos toscos, papel pobre e sem gravuras que embelezam as [edições] de João de Barreira» (Asensio 1986: 180-181). O cólofon da edição coimbrã de 1560 é omisso quanto à duração do privilégio real, sendo muito provável que pelo menos a edição de Évora de 1561 não tenha respeitado os prazos do privilégio real concedido a João Barreira.

Todas as edições quinhentistas da *Comedia Eufrosina* escondem por conseguinte o nome do autor e o mesmo aconteceria decerto com a 1.<sup>a</sup> edição da *Comedia Ulysipo*, incluída entre os livros proibidos pelos Índices inquisitoriais de 1551 e de 1564 e da qual não se conhece qualquer exemplar. Também a portada do *Memorial das proezas da segunda Tauola redonda*, obra dedicada a D. Sebastião, impressa em Coimbra por João de Barreira, no ano de 1567, oculta o nome do autor.

Ora o Índice censório de 1561 proibia a circulação dos livros que não declarassem o título, o autor e o impressor ou o editor. O Índice dos livros proibidos de 1564, firmando-se num decreto do Concílio de Trento, determinava que «daqui por diante se não imprima mais nenhum livro sem o nome do seu autor» (Sá 1983: 436). A expressão «daqui por diante» parece significar que a proibição estabelecida pelo Índice de 1561 não tinha obtido cumprimento efectivo, tal como não o teve a proibição imposta pelo Índice de 1564, como demonstram a edição da *Comédia Eufrosina* de 1566 e a edição do *Memorial das proezas da segunda Tauola redonda*, datada, como referi, de 1567.

O «Proemio ao Príncipe nosso senhor», que figura em todas as edições quinhentistas da *Comédia Eufrosina*, incluindo a edição de 1560 da qual foi expungida a dedicatória ao Príncipe, já falecido havia

seis anos, é um texto que deve ter sido escrito em 1553, ainda em vida do Príncipe D. João e que veio à luz mais de um ano após o falecimento do dedicatário. O respeito pela memória do Príncipe cuja morte enlutou Portugal e foi lamentada por muitos homens de letras, incluindo Camões, continuaria a garantir a protecção e a salvaguarda do autor da *Comédia Eufrosina*, cujo *verum nomen* é mantido oculto, e por isso falo, no título deste artigo, de *criptonímia* autoral.

A comédia dedicada ao Príncipe é apresentada como sendo «as premíssias de meu rústico engenho» e como «o primeiro fruto que dele colhi inda bem tenro»<sup>1</sup>, expressões que corresponderão a *topoi* que circulavam na tradição literária renascentista, mas que se compaginavam também com as datas prováveis do nascimento do autor e da escrita da obra.

Ao solicitar o «real emparo» do Príncipe e a dádiva da sua luz, semelhante à luz do sol que alumia a lua, o autor oculto fornece ao leitor informações muito importantes: a comédia conheceu uma difusão muito alargada e estropiadora, andando «per muitas mãos devassa e falsa»; fora objecto do ataque de «represores ouciosos e de mau zelo»; e «por ser invenção nova nesta terra e em linguagem portuguesa», era vítima de invejas e de críticas, estando certo o autor de que seria «salteada de muitos censores».

O «Prólogo» da *Comédia Eufrosina* é apresentado como sendo de um autor mítico, pertencente ao repertório da mitologia folclórica, Jam d'Espera Deos, o qual, segundo o *Tesoro de la lengua castellana o española* (1611) de Sebastián de Covarrubias, é um homem que «há vivido y vive muchos siglos» e que no «Prólogo» alia irónica e jovialmente a sua sabedoria e a sua astúcia de ancião à energia criativa do «novo autor em nova invenção».

O «Prólogo» de Jam d'Espera Deos, porta-voz alonímico do «novo autor» da comédia, na esteira do *Diálogo em louvor da nossa linguagem* de João de Barros e da *Gramática da linguagem portuguesa* de Fernão de Oliveira, é uma veemente apologia da língua portuguesa, que deve ser difundida, zelosamente cultivada e enriquecida, «porque os homens fazem a linguagem». Dirigindo-se ao auditório, Jam d'Espera Deos proclama orgulhosamente:

---

<sup>1</sup> Todas as citações do texto da *Comédia Eufrosina* são retiradas da edição preparada pelo Centro de Estudos de Teatro da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e disponibilizada na *internet*.

Hei-vos de falar mera linguagem, não cuideis que é isto tam pouco, que eu tenho em muito a portuguesa, cuja gravidade, graça lacónica e autorizada pronúnciação nada deve à latina, que Vala exalça mais que seu império.

Tomando partido no secular pleito das armas e das letras, Jam d'Espera Deos formula o voto de que os Portugueses viessem a prezar tanto a sua língua quanto as armas, beneficiando do tempo de paz instaurado por D.João III, que fechara as portas do templo de Jano – as portas do templo do deus Jano, em Roma, mantinham-se fechadas em tempo de paz –, «favorecendo antes a invenção de Minerva que a de Neptuno».

Que razões terão levado Jorge Ferreira de Vasconcelos a não declarar o seu nome nas obras que publicou e a adoptar, contra as normas estabelecidas pelos poderes censórios, uma prática sistemática de criptonímia autoral?

O «Proémio» da *Comédia Eufrosina* mostra um autor que procurava amparo no Príncipe D. João contra os numerosos censores e detractores da sua obra. Alguns destes censores talvez considerassem a *Comédia Eufrosina* como representante da linhagem celestinesca, mas sem fundamento, porque a alcoviteira Filtra desempenha na intriga um papel relativamente secundário, porque os temas sexuais, eróticos e pornográficos, não têm na comédia de Jorge Ferreira uma representação similar às das narrativas celestinescas, porque a sátira ao clero e aos judeus e conversos não tem expressão relevante. As aproximações intertextuais, que têm sido propostas por diversos investigadores, desde María Lida Malkiel a Eugenio Asensio e a Jean Subirats, entre a *Celestina* de Fernando de Rojas e a *Segunda Celestina* (1534) de Feliciano de Silva e a *Comédia Eufrosina*, são relativamente circunscritas e avulsas, tanto na caracterização das personagens como na construção da intriga, não possuindo a comédia portuguesa o *ethos* trágico da *Tragicomédia de Calixto y Melibea*, nem a densidade sociológica e ideológica do *corpus* celestinesco.

As razões que terão levado Jorge Ferreira de Vasconcelos à prática sistemática da criptonímia autoral e a solicitar o amparo do Príncipe D. João no referido «Proémio» são fundamentalmente, em meu entender, de ordem ideológica e social, tendo a ver com questões centrais, muito complexas e controversas, da política portuguesa do tempo.

Refiro-me à visão disfórica e radicalmente anti-épica das navegações e das conquistas portuguesas no Oriente que é representada na *Comédia Eufrosina*. A carta que Troilos de Sousa escreveu à sua irmã Sílvia de Sousa datada de Goa, a vinte de Dezembro de 1536, e lida em voz alta por Zelótipo durante uma longa cena – a cena quinta do acto segundo –, é a denúncia minuciosamente implacável dos sofrimentos, dos malefícios e das misérias morais e cívicas que o Império português do Oriente provocava.

A viagem de ida de Lisboa para a Índia fora tormentosa e formidanda:

Eu cheguei a estas partes orientais da Índia com assaz trabalho e tormentas, e além de vir sempre enjoado e tão enfermo que nunca cuidei ser mais homem, passámos tanta fortuna e tam fortes temporais que muitas vezes vi a morte ante os olhos. Porque nós já tivemos na costa de Guiné quarenta dias de calmarias desesperadas, com que nam houve pessoa que nam adoecesse, e muitos morreram, e crede senhora que ali me cansou tanto o arfar da nau que escapei pela ponte de Coruche.

Simbolicamente, Troilos de Sousa buscava algum refrigério de alma e enganava as saudades pregando os olhos para onde lhe diziam que ficava Portugal e afogando no descante, qual «outro Afião músico», os seus males e as suas mágoas.

Alcançada Goa e graças ao favor que lhe dispensava o governador, o irmão de Sílvia de Sousa diz metaforicamente que, tal como o caracol, começou a «lançar os corninhos ao sol, assoalhando-me do boror do mar», mas lamenta não encontrar mulheres das quais se enamorasse com gosto, «porque estas perrinhas malabares, que eles cá estimam e tanto lá gabam sem causa, não são do meu comer».

Na medida do possível, não se empenhará na guerra, «pois sei quam pouco fundam estromentos verdadeiros. Começarei imitar as formigas, que em bem chatinar se segura o porto, e esta é a principal e mais certa negociação de cá». Ao ouvir ler estas palavras da carta do irmão, observa Sílvia: «Também Portugal dessa maneira é Índia». A chatinagem medrava em Portugal como na Índia. A maior parte dos Portugueses no Oriente buscava avidamente acumular dinheiro e outras riquezas. A Índia, escreve Troilos de Sousa, é terra «de grandes abastanças e riqueza, mas eu ter-me-ia ao torrão de Portugal a que em sua quantidade sobeja tudo se a cobiça de Itália e as delícias de Ásia o não devassaram. E os nossos portugueses que soíam ser mais

temperados que os lacónios vivem cá mui desordenada e viciosamente, em tanto que dizem os naturais da terra que ganharam a Índia como cavaleiros esforçados e que a perderão como mercadores cobiçosos e viciosos». Nestas palavras memoráveis de Jorge Ferreira de Vasconcelos ressoam sem dúvida palavras de uma famosa carta que, em 23 de Outubro de 1539, D. João de Castro escreveu de Goa ao Infante D. Luís:

[...] eu tenho por muito certo que asy como os portugueses guanharão a Imdia como valentes cavaleiros e os Imdios a perderam como mercadores e fracos, asy nola am-de tornar a ganhar como valentes soldados, perdendo a nos outros como civeis chatins muito afeminados» (*apud* Subirats 1982: 364)

A expansão imperialista de Portugal no Oriente originava diferentes e opostas correntes de opinião e doutrina, como atestam as obras de Sá de Miranda, João de Barros, Camões, Diogo do Couto, Diogo de Teive e outros autores. Estavam em confronto, ao nível mais alto do Estado, propostas alternativas de política religiosa, geoestratégica, militar e económica; havia na Igreja, nas administrações do Estado e na sociedade em geral, interesses institucionais, económicos e financeiros, que era perigoso contraditar ou desafiar.

Jorge Ferreira de Vasconcelos era um aristocrata que convictamente acreditava nos ideais da cavalaria, era um adversário firme, como Sá de Miranda e Camões, da corrupção, da chatinagem e dos negócios à margem da ética que medravam em Goa e por isso mesmo se mostrava receptivo a alguns ideais de matriz erasmista. Na carta que o seu genro, D. António de Noronha, encontrou no espólio do comediógrafo e que se encontra publicada no fim da edição *princeps* da *Comedia Aulegrafia* (1619), lê-se a seguinte oitava em versos de redondilha maior, em consonância profunda com a lição ética da poesia de Sá de Miranda:

A gente toda tem feito  
Ydolo de interece,  
Quem entender não podesse  
Viuiria satisfeito:  
A cobiça do proueito  
Tiraniza a liberdade,  
Hé desterrada a verdade,  
Não ha ja pureza em peito (fl. 179 v.)

No vórtice das forças e dos interesses em conflito, a criptonímia autoral de Jorge Ferreira de Vasconcelos terá sido um modo de a liberdade não ser tiranizada e de a verdade não ser desterrada.

Falta saber se o Príncipe D.João não teria sido para o dramaturgo da *Comédia Eufrosina* e para autores como Sá de Miranda, Diogo de Teive e o próprio Camões, a esperança, ceifada pela sua morte extemporânea, de um recentramento da expansão imperial portuguesa em terras do norte de África.

### Bibliografia

- Asensio, Eugenio (1986): Eugenio Asensio, «Para una nueva edición crítica y comentada de la *Comédia Eufrosina* de Jorge Ferreira de Vasconcelos», in AA.VV., *Critique textuelle portugaise*. Paris, Fondation Calouste Gulbenkian.
- Camões, José (2008): José Camões, «Um outro *rascunho da vida cortesã*: uma cópia inédita da *Aulegrafia* de Jorge Ferreira de Vasconcelos», *Românica*, n. 17, pp- 169-196.
- Centro de Estudos de Teatro: *Teatro de Autores Portugueses do século XVI - Base de dados textual* [on-line]. <<http://www.cet-e-quinientos.com/>> [01/09/2017]
- Colomès, Jean (1970): Jean Colomès, *Le dialogue «Hospital das Letras» de D. Francisco Manuel de Melo*. Paris, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Faria, Manuel Severim de (1999): Manuel Severim de Faria, *Discursos vários políticos*. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda [orig. 1624].
- Ferreira, António (2000): António Ferreira, *Poemas Lusitanos*, ed. de T. F. Earle. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Gomes, Francisco Dias (1799): Francisco Dias Gomes, *Obras poeticas*. Lisboa, Typographia da Acad. R. das Sciencias.
- Menéndez y Pelayo (1910): Marcelino Menéndez y Pelayo, *Orígenes de la novela*. Madrid, Casa editorial Bailly Bailliére.
- Pereira, Silvina (2008): Silvina Pereira, «Arquivos falantes: 6 documentos inéditos sobre Jorge Ferreira de Vasconcelos», *Românica*, n. 17, pp. 197-227.
- Pimpão, Álvaro Júlio da Costa (1972): Álvaro Júlio da Costa Pimpão, *Escritos diversos*. Coimbra, Acta Universitatis Conimbrigensis.
- Rossi, Giuseppe Carlo (1947): Giuseppe Carlo Rossi, «A comédia *Eufrosina* nas páginas de D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos e

- de D. Marcelino Menéndez y Pelayo (com inéditos)», *Biblos*, n. 23(2), pp. 550-560.
- Sá, Artur Moreira de (1983): Artur Moreira de Sá, *Índices dos livros proibidos em Portugal no século XVI*. Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica.
- Subirats, Jean (1982): Jean Subirats, *Jorge Ferreira de Vasconcelos. Visages de son oeuvre et de son temps*. Coimbra, Acta Universitatis Conimbrigensis, tomo II.
- Teive, Diogo de (2012): Diogo de Teive, *Obra completa*, org. e trad. de António Guimarães Pinto. Lisboa, Esfera do Caos.
- Vasconcelos, Jorge Ferreira de (1951): Jorge Ferreira de Vasconcelos, *Comedia Eufrosina. Texto de la edición príncipe de 1555 con las variantes de 1561 y 1566*, ed. de Eugenio Asensio. Madrid, CSIC / Instituto Miguel de Cervantes.